



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIRE-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL
DE04912011GRC



Gaivato

Quinzenário • 16 de Junho de 2012 • Ano LXIX • N.º 1781 • Preço: 0,33 € (IVA incluído)

Fundador: Padre Américo
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes



Entrada do Calvário — Beire, Paredes.

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Folhas e frutos

O nosso pomar está verdejante. Disseram-me que este é um ano bom para as fruteiras. Outras culturas do campo não terão, talvez, condições favoráveis para boas produções.

As cerejeiras deram o tom, no Norte do País. Por tantas estradas por onde passamos, vemos expostos os seus frutos para venda, em grande quantidade.

Imersa na natureza corre a vida do homem, que estando embora sujeita a boas ou más condições para se desenvolver, tem a singular capacidade de as seleccionar.

Como todas na natureza, também as vidas humanas que não dão fruto são vidas estéreis. O fruto é o culminar de um processo de transformação em que se vai perdendo e ganhando, se vai dando e recebendo, com base numa disponibilidade esforçada e querida para o chegar a produzir.

Como é bela uma árvore carregadinha de fruto!

A maioritária civilização urbana, dominante, vive alheada deste processo natural. Faz-lhe falta ver, sentir e acompanhar a cadeia cíclica dos fenómenos naturais, numa forma experimental. Eles são pontos de referência e premissas para as sínteses que necessitamos fazer, constantemente, para acertar o rumo da nossa vida.

Jesus serviu-se destes fenómenos, como imagens, para nos transmitir conteúdos da Boa Nova e nos fazer perceber outras realidades — pelo natural que se vê, compreender o espiritual que não se vê, pois é na vida espiritual que reside a sua fonte: *Eu sou a videira; vós sois os ramos; se permanecerdes em Mim dareis muito fruto.*

Com a ajuda desta metáfora rapidamente percebemos o que nos quer dizer. Recorrendo a ela, podemos aferir da nossa ligação vital a Ele, para confirmar se o que produzimos são frutos ou somente folhas. Estas têm uma função necessária na videira, no seu processo de vida, mas que é simplesmente supletiva. Uma videira que só dê folhas é bravia, não serve para nada. Depois de terminado um ciclo de vida somente se aproveitam os frutos que ficam, como o produto de um ano de trabalho.

Na complexa vida social dos homens, há alguns deles que são como as folhas na videira, que ajudam a humanidade a respirar. Este é o seu fruto. São os servos inúteis do Evangelho que nada devem pedir para si, satisfazendo-se com a grata consolação de terem feito o que deviam fazer.

Pela nossa vida passam os Rapazes sem família, os Doentes rejeitados e os Pobres das mais diversas pobreza, cabendo-nos ajudar a que vençam as asfixias nas suas vidas e sejam fecundas. É que a realização plena de uma vida humana não está em dar frutos, que o tempo apodrece e corrompe, mas em permanecer ligado à Fonte d'Ela, recebendo-A e comunicando-A.

Os frutos são a alegria da vida. Sem eles a vida não seria verdadeira, mas um desperdício em vaidades. □

PENSAMENTO

Pai Américo

A Caridade não se apaixona, compadece-se. Segue de muito pertinho os golpes que o nosso bom Deus lança, por vezes, no regaço de certas famílias e associa-se a elas, padecendo até ao fim.

in *Pão dos Pobres*, 1.º Vol.

CALVÁRIO

Padre Baptista

Curas

ESTA Maria anda sempre a lamentar-se, porque o irmão a não vem visitar.

— *Ele não quer saber de mim.*

O sofrimento está sempre ligado a uma ferida. Esta pode não ser física, mas moral. E não é fácil curar estas feridas morais, porque são mais profundas e atingem o espírito. A cura, quando é possível, passa pela descoberta de novos amigos que vêm dar alento e alegria e compensar a falta daqueles que amamos.

A cura está sempre na ocupação. Então, o espírito massacra menos.

Esta Maria gosta do que faz e faz muito. É a primeira a levantar-se para ajudar alguns doentes que estão nos leitos. Abre-lhes as camas. Coloca-os nas cadeiras de rodas e executa tudo com muito carinho. E o seu trabalho, depois da refeição, prossegue na copa. Ela lava a loiça do pequeno-almoço e das restantes refeições. Nunca se cansa.

Para ela está tudo sempre bem. É com dedicação que se entrega ao trabalho e, assim, não se lembra mais da ferida profunda — o esquecimento do irmão com quem vivia.

Quando há visitas para alguns dos doentes, temos lamúria e a ferida abre-se: — *O meu irmão já não quer saber de mim, mas tenho aqui muitos amigos.*

Hoje é tão frequente o esquecimento dos outros, mesmo daqueles que nos são mais próximos.

Temos no Calvário uma doente há cerca de vinte anos. Dois irmãos vivem a *dois passos* — três mil metros — nunca a visitaram. Porquê?

Outros doentes estão connosco há mais tempo ainda, e também eles nunca receberam visitas da família. Por isso, nós somos a sua família de substituição. Eles sentem-no, e são felizes por isso mesmo. Sentem que são irmãos. A desventura dos homens em igual situação une-os mais.

«Como é bom viverem os irmãos em harmonia.» □

muitas pessoas querem ansiosamente ser ouvidas, como o veado suspira pela corrente das águas. São frequentes situações, em que nos dizem: — *Tem alguns minutos para me ouvir?* Logo, afirmamos: — *Sim e agora!* Um Pastor não pode ser um homem a correr... O tempo é, afinal, uma dádiva, do qual só o ser humano tem consciência e para usar bem.

Entre outros encontros, partilham vidas ceifadas com dureza, são pessoas sós, cuja enfermidade as visitou e também desprovidas de bens essenciais, casais em risco e filhos transviados.

Neste tempo de *intempérie* civilizacional, o ministério da escuta, da audição do próximo, é um investimento eclesial precioso. Quem se entrega a este labor acende tochas na obscuridade humana. Não tem rigorosamente nada a ver

até nas pseudo-festas religiosas... Tem-se medo e é difícil estar em silêncio. Contudo, tem um grande valor espiritual, pois conduz à interiorização e é fundamental na experiência de Deus.

Quando a noite cai, cerrada, é reconfortante, principalmente em estiagem, escutar uma fonte que jorra, com água pura e fresca, como aquela onde esta Comunidade se sacia com abundância.

Na nossa acção, lamentamos, mas aproveitamos, o tempo de certas burocracias que nos prendem para que não sejam marginalizados aqueles menores que são acolhidos entre nós. Para além disso, as rotinas são várias vezes alteradas com clamores de gente fragilizada.

Vamos experimentando que

Escuta de esperança

É muito feliz a afirmação de João Paulo II, em que os Padres também são *os homens da caridade*. Esta identificação vem na linha do II Concílio do Vaticano: os Presbíteros devem-se a todos e *têm encomendados a si de uma maneira especial os pobres e os mais débeis*. São verdadeiros relatos vivos de Deus.

O serviço e a entrega aos pobres e aos enfermos, depois da queda das ideologias da modernidade, como sempre, é uma das linguagens mais significativas para os descrentes na transcendência.

Actualmente, vivemos numa cultura da imagem, que vale mais do que mil palavras. Por outro lado, abusa-se da retórica e há excesso de ruídos, de festanças e

com escutas telefónicas... Aquele serviço, até de consolação, exige um silêncio eloquente, acutilância para os erros e palavras seguras, para que na sequência o essencial seja uma acção benéfica. Percebe-se bem, neste contexto, que os territórios pastorais se desvaneceram. Quem vem ao encontro dos Sacerdotes quer segurança e alento nas asperezas do caminho, para que cresçam flores brancas de esperança! Nestes momentos, o Senhor também sai ao nosso encontro.

A propósito, damos conta, ainda, de outra visita recente a alguém que chorava numa linha de comboio, angustiada na sua desolação. No seu *vale de lágrimas*, o que mais lhe tem custado é ter sido abandonada, com o filho doente e sem trabalho, sobrevivendo em quarto emprestado. No bem gasto móvel, ficou gravado mais outro SOS. Não éramos conhecidos; mas, confiou no ministério eclesial da escuta.

Continua na página 3

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

É a quarta ou quinta vez que ela vem ter comigo com o marido e as crianças. Vive junto de uma igreja católica e paga uma renda social. Mais o marido a trabalhar juntos, compraram casa, com empréstimo ao banco. Perdendo ambos o salário ficaram privados do seu ninho. Não pagaram as prestações e o banco tomou conta.

A banca tem força! Facilmente os elefantes esmagam as formigas embora, segundo a natureza, tenham o mesmo direito à vida.

Para não ficarem na rua assaltaram um andar vazio, que agora habitam e meteram-se lá dentro, sem autorização de ninguém.

É claro que isto não pode ser assim. Ninguém aprova este procedimento, mas, segundo reza alguma comunicação, foram tantos os assaltos por esse mundo os quais provocaram esta crise que, ficando impunes, não julgamos nenhum crime que uma família indefesa e ignorante procure o seu abrigo, fora das leis, mais, ainda, se ocupa uma casa do estado.

Seria a infracção maior sujeitar os filhos às noites e às intempéries e expor a família a todos os perigos, que arrombar uma porta e refugiar-se num andar desocupado.

A entidade superintendente pôs o caso em Tribunal. Eles não apareceram. O advogado oficial limitou-se às formalidades e a sentença apareceu-lhes como um cutelo sobre o pescoço, obrigando-os a assinar uma declaração de dívida

no valor de 5600 euros, assim: *Ou assinam ou vão para a rua.*

Dadas as precárias situações financeiras dividiram-lhe a dívida em porções de aproximadamente 100 euros mensais. Graças a Deus que aqui, houve senso.

Sem culpa própria, surgiu um engano na burocracia do rendimento mínimo. Este foi cortado durante dois meses.

O sufoco já passou. Paguei a prestação dos dois meses com juros altíssimos (injustos) e a renda da casa também carregada de lucros.

Hoje, voltou com o marido e a pequenina. Ambos tão magros, de aspecto macilento, olhos encovados, nariz afilado mostrando à evidência que a fome os tem envolvido.

— *Era uma receita para a bebé e uma lata de alimento.* Traziam, ainda, a informação de que os encargos com a casa estavam em ordem e solicitavam igualmente alguma comida.

Muito me alegrou ouvir de um responsável de topo, da igreja católica em Portugal, que é injusto serem os pobres a pagar a crise.

Nunca é demais gritar. Todos os cristãos deviam bradar esta evidente injustiça.

A crise foi provocada pelos muito grandes deste mundo e alguns deste país e cai agora sobre os pequenos e os pobres!.....

À mesa um dos meus rapazes, lamentava a falta de sensibilidade e a arrogância com que um jogador

muito conhecido exibiu o seu carro de 400 mil euros!

Eles não sabem o que fazem nem o que dizem! É pena!... E andamos todos iludidos pelo futebol. Forma elegante, inteligente, avassaladora mas sub-reptícia de mascarar as injustiças!

Outra pobre mãe de família, já madura veio socorrer-se porque o marido tendo sofrido uma trombose, gastou quanto tinha e não pagou a renda de casa de Fevereiro e Março.

Como eu não podia averiguar a situação, recomendei-lhe que fosse ao pároco, que ele visitasse a sua casa e me desse informações. Isto foi pela Páscoa.

Agora reapareceu com uma carta do padre a confirmar a triste situação da família e outra do senhorio a exigir que, ao abrigo do artigo tal, do decreto de não sei quê, as ditas eram acrescidas de 50%.

Passei o cheque só dos dois meses: 500 euros e escrevi uma carta a informar que *«este dinheiro me é dado por Amor de Deus! Você receba também esta quantia e faça igualmente por amor de Deus!»*

O senhor atendeu-me, mas fiquei a pensar: — Como é possível, numa altura destas, a aplicação de uma taxa tão pesada!? Não será isto a escravatura dos pobres?

No salmo o Senhor diz: *«Os olhos do Senhor estão voltados para o pobre. O Senhor é justo e ama a justiça. Os homens rectos contemplarão a sua face.»*

Por causa da opressão dos humildes e dos gemidos dos pobres, então me levantarei» — diz o Senhor. □

O NOSSO CALVÁRIO

Padre Quim

«Mestre, onde moras?»

QUANDO, pelos anos académicos, a leitura e compreensão de vários textos me pareciam difíceis, senão mesmo impossíveis, pela excessiva carga pragmática e imediatista que norteava o horizonte, minado por tal peste vinda duma sociedade extremista e despistada, levavam-me a uma tal exaustão e esgotamento mental, abrindo caminho para uma possível queda livre da intelectualidade ao obscuro mundo da ignorância; eis que subitamente, a academia dos textos da vida, vieram em auxílio da fragilidade dos métodos didáticos e pedagógicos. Estes, hoje, em grande parte sem força para se manterem no campo do saber. Só os textos da vida escritos, muitas vezes, no meio da dor, do abandono, da impotência, da invalidez ou, mesmo, debaixo da esperança e da paz são possíveis de serem perceptíveis tanto para o analfabeto como para o alfabetizado, para o rico e para o pobre, para o jovem e para o ancião.

Estou a escrever estas linhas com duplo sentimento: de esperança e de alegria no silêncio e na paz, debaixo duma carvalha na calçada de flores brancas da Aldeia do Calvário. Quanta inveja causa a brancura das aleuias deitadas na calçada. Lugar de repouso cheio de vida e de amparo, de muitos filhos e filhas do Nosso Pai do Céu, que as ruas e os hospitais deitaram ao relento e à sorte do «salve-se quem puder». Qual sociedade assim se pode considerar justa? Quando rejeita os seus por não serem lucrativos. Nesta Casa de doentes para doentes e pelos doentes, todos são filhos e filhas do mesmo Pai, portanto são todos Irmãos. Fiquei surpreendido com o testemunho da Maria Alice, que vive nesta Casa há muitos anos, para consolar a Fátima, que se lamentava por ser órfã de mãe. Dizia assim: «A minha mãe também já morreu, não fiques triste porque temos a nossa Mãe do Céu». E depois continuou: «Senhor Padre venha ver onde moram as senhoras que andam». Ela, apesar da sua cegueira, sabe bem por onde caminha. A rotina fez dela conhecedora dos quatro cantos da Casa. E quando assim é, a natureza também ajuda a intuição a funcionar, é um bom recurso para auxiliar a debilidade dos sentidos. Mostrou-me os quartos todos e fiquei admirado com a organização e limpeza — tudo feito por elas. A educação é mesmo coisa do coração, bem o disse S. João Bosco. E nosso Pai Américo vai mais além: «Quem quiser educar, tem que se por de joelhos». Aos doentes, só de mangas arregaçadas e coluna vergada é que podemos proporcionar-lhes uma adequada assistência carinhosa, pedagógica e educativa. Se na nossa sociedade é muito difícil compreender que quem mais recebeu, tem o dever de dar mais, no Calvário é uma verdade indiscutível. Aqueles que podem fazer alguma coisa ajudam os que não podem fazer nada. Cada vez que vejo estes doentes, fazem-me pensar que ainda não estamos preparados para chamarmos a Deus Nosso Pai. Pelo gravíssimo motivo de não vivermos como Irmãos. Jesus, a caminho do Calvário, não abriu a boca; insultado e maltratado, levou a sua Cruz em silêncio. No nosso Calvário há muito silêncio, só a polifónica orquestra montada pela natureza, sob à direcção dos passarinhos, fazem companhia aos doentes. Muitos deles não falam, mas sentem e sofrem no silêncio. O milagre do céu continua a realizar-se. A pergunta de sempre «Mestre onde moras?», parece encontrar aqui recursos para a sua autêntica e verdadeira resposta. «Vinde ver»; deste modo Jesus convidava os primeiros, que formaram o grupo dos Seus Discípulos. Eles foram ver e ficaram com Ele nesse dia. Mas quem é Ele hoje?

Jesus hoje passa pelas ruas e já ninguém o questiona sobre o lugar onde mora. Porque se identifica com o Pobre, com o Doente, com o Abandonado, ou como um pequenino profundamente diminuído mentalmente. Mesmo desprezado Ele continua a dizer: «Vinde ver onde moro». Se pudéssemos tirar um pouquinho do nosso tempo para o acompanhar há muito teríamos tido o que o nosso coração procura: o encontro com Jesus!... A realização das aspirações mais profundas do coração humano. O Amigo que nunca falha, mesmo depois de termos falhado. O Calvário tem necessidade, como toda e qualquer família, do carinho e da ternura maternal. Onde encontrá-la? No meio do Povo com toda a certeza. Alegros o que Jesus, Crucificado, disse a Sua Mãe e ao Discípulo amado, ao pé da Cruz: «Mulher eis o teu filho, filho eis a tua mãe». E foram ambos para casa, aguardando o romper da aurora jubilosa. Quem dera encontrar neste mês mariano, especialmente em todas as mães, a ternura de Maria, Mãe de Deus e Mãe dos homens. □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

SOLIDARIEDADE: O QUE É? — Decorreu, há dias, uma campanha do Banco Alimentar cujos resultados ultrapassaram os de campanhas anteriores. Isso é bom, mas é preciso aproveitar estes e outros momentos para uma pedagogia da solidariedade que está por fazer como deve ser.

A solidariedade não pode ser só distribuir dinheiro e coisas. Claro que «não se pode pregar o Evangelho a estômagos vazios»; mas ao encher o estômago, também é preciso «pregar o Evangelho».

A solidariedade também não pode ser só feita de “campanhas”. Tem que ser um compromisso continuado.

Isto veio-nos à ideia a propósito do que aconteceu e uma pessoa que acompanhámos, há muito tempo. É pessoa com alguns maus hábitos e muito teimosa. Alertámo-la, várias vezes, para coisas que a podiam prejudicar, e estávamos a tentar fazer um caminho com ela no sentido de evitar que isso acontecesse. Num caso não conseguimos e o que tínhamos aconteceu mesmo.

Conseguir mudanças nos comportamentos é o mais importante, sem prejuízo da ajuda material, quando é necessária. Isso não é coisa que se faça só num dia. Leva tempo e, mesmo assim, pode não se ser bem sucedido. Infelizmente foi o caso aqui, mas não podemos desistir.

Os nossos contactos:

Conferência de Paço de Sousa, A/C Jornal O Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa.
E-mail: carvalho.mendes@sapo.pt — Telem.: 965464058 □

As nossas Festas



São momentos enriquecedores para os nossos Rapazes e para os nossos Amigos. Para estes elas vêm carregadas de novidade; para aqueles são oportunidade de formação e de desenvolvimento. A surpresa aparece, por vezes, no final da Festa, como quando numa delas começamos a despedida e uma senhora espontaneamente exclamou: «Mas, já acabou?!»

Não tem faltado gosto e dedicação aos nossos artistas para as várias representações. Tivemos uma excepção sem a qual isto não seria regra. É certo que se mais Amigos estivessem presentes, maior seria o incentivo que eles dariam aos nossos Rapazes. Iremos fazer o que nos for possível, no futuro, para que a presença de maiores assistências seja uma realidade.

Faltam desde agora três espectáculos para concluirmos, por este ano, as nossas Festas. São os seguintes:

16 de Junho, 21 horas - Centro Social e Cultural da Paróquia de Valbom;

23 de Junho, 21 horas - Salão do Centro Paroquial de Fornos, Marco de Canaveses;

30 de Junho, 21 horas - Pavilhão da Cultura da Casa do Povo de Vila Boa do Bispo, Marco de Canaveses. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Continuação da página 1

As imagens humanas do Senhor crucificado desmascaram as falsas religiosidades para passeantes e que perturbam, mas não convertem ninguém.

No samaritanismo, pode não

haver bens materiais para partilhar; porém, não há-de deixar de se oferecer a tranquilidade de saber escutar os outros, ouvindo-os pelo seu nome. É escorregadia esta mentalidade de desordem e dispersão que esmaga tanta gente.

Todas as pessoas que escutamos,

até com paciência, como disse uma vez um menino, *são palavras com as quais Deus conta a sua história*, aqui e agora!

Nesta Família, o pequeno Divino demora a comer a sopa, pois olha para os companheiros em redor, não vá faltar-lhes alguma coisa. Na verdade, os rostos falam muito e mais, como o de Jesus no silêncio da Cruz □

